



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16798 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
ISSN: 2595-7945
GT 07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL E SUAS ASTÚCIAS

Fernanda Batista Moreira de Andrade - UFOP - UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Marco Antonio Torres - UFOP - UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPEMIG

PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL E SUAS ASTÚCIAS

“Da porta para dentro, a turma é sua” é uma frase que costuma ser pronunciada como uma recomendação entre professoras da Educação Infantil. Tal recomendação pode significar que, quando “fecha a porta da sala”, a professora age a partir de outros esquemas, operando resistências, rupturas e desvios em relação à gestão escolar, às normas oficiais e ao campo teórico.

É comum encontrar, entre essas professoras um certo estilo de docência. Isso parece ser alcançado por meio de astúcias, como apresentar um planejamento sem ter interesse em executá-lo, buscar atividades pedagógicas em sites e blogs de professoras e, na mesma medida, escapar das análises e reflexões propostas pelo campo teórico.

Este resumo apresenta uma pesquisa em andamento que procura analisar esse conjunto de práticas - aqui nomeadas práticas das astúcias - de professoras de Educação Infantil da Rede Municipal de Belo Horizonte. Por astúcias, compreendemos as táticas pensadas por Certeau (2014); práticas vigilantes, à espreita, sustentadas por um saber que se mantém invisível para escapar ao poder. Nossa hipótese é que tais práticas constroem uma experiência docente, entendida a partir da noção de experiência ética proposta por Foucault (2012).

Por experiência ética, Foucault (2012) entende “as formas e as modalidades da relação consigo através das quais o indivíduo se constitui e se reconhece como sujeito” (p. 12). De

acordo com Favacho (2014), tal experiência diz respeito a “como o sujeito transforma certas experiências históricas num jogo complexo de relações com ele mesmo, com a verdade, com o poder e com os outros” (p. 57). Então, pensar a docência a partir da experiência ética é “compreender que saberes [e práticas] - nem novos nem outros - o sujeito dessa experiência produz para se livrar das verdades que insistem dominá-lo” (FAVACHO, 2012, p. 63).

Para pensar a experiência ética, Foucault (2012) procurou desenvolver o que denominou história das problematizações, ou seja, “analisar [...] as *problematizações* através das quais o ser se dá como podendo e devendo ser pensado, e as *práticas* a partir das quais essas problematizações se formam” (p. 18. *grifos do autor*). Como caminho de análise, ele orienta que “a dimensão arqueológica da análise permite analisar as próprias formas da problematização; [e] a dimensão genealógica, sua formação a partir das práticas e suas modificações” (p. 19).

Portanto, para este trabalho, produzimos uma arqueologia das problematizações acerca do atendimento à criança pequena, analisando a história da Educação Infantil produzida por Kramer (2003); Kuhlmann Jr. (1986); Rosemberg (2002); Silva (2008). As análises mostram de que maneira, no Brasil, a partir do final do século XIX, o problema sobre o qual o Estado se debruçava ao pensar o atendimento à criança pequena, dizia respeito a uma preocupação com a pobreza. Tal preocupação aparece nessa época, com as primeiras instituições, atravessando o Estado Novo, o Movimento Escola Nova (e seus impactos no atendimento à criança pequena) e a ditadura militar, sendo reacendida pela política educacional neoliberal dos anos 1990. O deslocamento que localizamos nas problematizações aparece com o Movimento de Luta Pró-creche (MLPC), que emerge com os movimentos sociais sendo protagonizado por mulheres-mães pobres da periferia. O MLPC reivindicava subsídio do Estado para a manutenção ou criação de espaços coletivos de compartilhamento e cuidado das crianças. Por meio da sua participação na Assembleia Constituinte, o MLPC transformou esse modelo de atendimento em um direito constitucional (SILVA, 2008).

Como bem retrata Lélia Gonzales (2020), nas comunidades periféricas, os filhos das trabalhadoras são cuidados pela comunidade - além das mães, avós e tias, as vizinhas entram em cena. Portanto, para as famílias da periferia, o cuidado compartilhado não é uma novidade trazida pelo MLPC; ele parece trazer alguma coisa desses “saberes [e práticas] - nem novos nem outros - [...] para se livrar das verdades que insistem dominá-lo” (FAVACHO, 2012, p. 63). Isso porque, diferentemente do governo da pobreza, temos, nas creches de periferias, o compartilhamento do cuidado.

Nesse sentido, podemos construir alguma hipótese sobre a genealogia das práticas das astúcias da experiência docente que procuramos desenhar nas mulheres-mães pobres da periferia que, por meio do MLPC, reivindicaram subsídio do Estado para a manutenção ou criação de espaços coletivos de compartilhamento e cuidado de seus(suas) filhos(as). Arriscamos dizer que as astúcias dessas mulheres têm sua gênese nas práticas das astúcias - e suas modificações - das mulheres negras escravizadas, práticas resistência a escravidão. Ainda

que não se tenha um registro histórico oficial - a invisibilidade está na própria natureza das astúcias -, não é difícil confiar em relatos coletados acerca de certas práticas de resistência, como o uso que as mulheres escravizadas faziam das tranças nagôs para esconder pepitas de ouro, sementes agrícolas ou, ainda, desenhar mapas para escravizados em fuga.

Parece ser possível supor que as crecheiras, essas mulheres professoras protagonistas do MLPC, por meio de um certo número de astúcias, praticavam uma pedagogia outra, diferente daquela preconizada pelo Estado que começou a se ocupar com a gestão das creches quando passou a financiá-las. A pedagogia das astúcias é aquela que, em lugar de se preocupar com a pobreza, procura compartilhar o cuidado e a educação da criança no espaço coletivo.

Palavras-chave: Educação Infantil. Experiência Docente. Michel Foucault.

REFERÊNCIAS

- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano* - 1. artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2014.
- FAVACHO, André Márcio Picanço. A Problematização Moral da Docência. *Educação em Perspectiva*, Viçosa, v. 5, n. 1, p. 48-71, jan./jun. 2014.
- GONZALES, Lélia. Mulher Negra: um retrato. In: RIOS, Flávia. LIMA, Márcia (orgs.). *Por um Feminismo Afro-latino-americano*: Lélia Gonzales. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- KRAMER, Sônia. *A Política do Pré-escolar no Brasil* - a arte do disfarce. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- KUHLMANN JR., Moysés. *Infância e Educação Infantil*: uma abordagem histórica. 6 ed. Porto Alegre: Mediação, 2011.
- ROSEMBERG, Fúlvia. Organizações Multilaterais, Estado e Políticas de Educação Infantil. *Cadernos de Pesquisa*, n. 115, p. 25-63, mar. 2002.
- SILVA, Isabel de Oliveira e. *Educação Infantil no Coração da Cidade*. São Paulo: Cortez, 2008.